Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)

Chegamos finalmente à edição do nº 30 da **Revista***Presença*, no espaço de 29 anos de sua existência, inicialmente, uma publicação da antiga Secretaria Estadual de Cultura, depois transformada em Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, até sua extinção, em 1991.

Com a reativação do Conselho Estadual de Cultura, a partir de janeiro de 1992, assumiu aquele órgão o encargo de editar a revista, já agora numa parceria com a Fundação Cultural do Piauí, depois transformada em Fundação Estadual de Cultura e do Desporto – FUNDEC, retornando finalmente ao antigo nome, ou seja, Fundação Cultural do Piauí – FUNDAC, com a nova reforma administrativa, e já agora subordinada à atual Secretaria de Educação e Cultura.

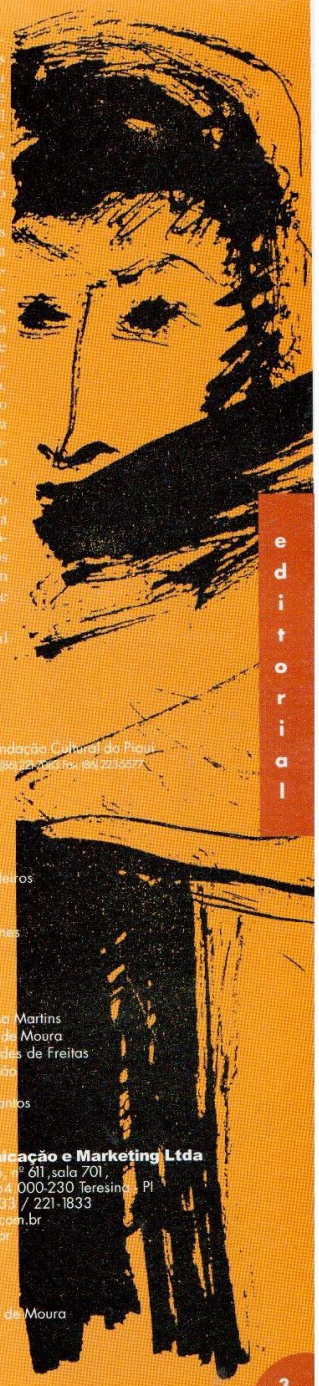
Tais mudanças de siglas ou denominações administrativas não impediram, entretanto, como é bem de ver, a continuidade da revista *Presença* que se vem impondo, não apenas em nível local, mas em âmbito nacional, como publicação do mais alto conceito, conforme inúmeros testemunhos que temos recebido, e a situam como uma das publicações mais representativas da nossa cultura. Não tem sido nada fácil manter-se uma publicação como a nossa, em meio a tantas dificuldades que chegam às vezes a quase inviabilizar esse audacioso projeto. Entretanto, temos continuado, com uma persistência que nos surpreende, de modo especial, nos últimos dez anos, desde que nos propusemos, com a reativação do Conselho de Cultura, a sustentar esta bandeira e esta luta titânica em defesa da cultura e dos valores o que a justificam, que é também uma forma de defender a nossa dignidade e a nossa cidadania.

Este número, como tem ocorrido com os anteriores, traz alguns destaques. Ao poeta Martins Napoleão, numa homenagem ao centenário de seu nascimento. Ex-presidente da Academia Piauiense de Letras, exerceu, por um longo período, notável liderança intelectual, em nossa terra, antes de transferir-se para o Rio de Janeiro, em 1946, onde veio a falecer. São aqui publicados alguns poemas seus e um estudo crítico de autoria da professora Maria do Socorro Rios Magalhães.

Ao romancista Graciliano Ramos, pelos 50 anos de seu silêncio, com um estudo sobre sua obra ficcional, de autoria do crítico M. Paulo Nunes, presidente do Conselho Estadual de Cultura. E à artista plástica e ex-conselheira Elizabeth Medeiros, falecida em 3 de junho do corrente ano, deixando a todos nós, colegas de trabalho, familiares, amigos e admiradores, na mais funda desolação. Sua passagem pelo Conselho foi assim como um meteoro, que ilumina os céus por um breve instante e logo desaparece. Para todos nós sua imagem ficará para sempre guardada em nosso afeto e em nossa saudade, como muito bem lembrou em bela crônica o escritor Fonseca Neto.

É-nos grato assinalar aqui a valiosa colaboração da Secretaria Estadual de Educação e Cultura, na pessoa de seu titular, o eminente Professor Antônio José Medeiros que, sensível, mais uma vez, aos problemas da cultura piauiense, houve por bem disponibilizar os recursos indispensáveis para que esta publicação se tornasse possível.

Comissão Editorial



editorial

revistapresença

Órgão do Conselho Estadual de Cultura e da Fundação Cultural do Piauí
Rua Coelho Rodrigues, 1016 - Centro - CEP: 64.000-080 fone: (86) 223-2063 fax: (86) 223-5577
ANO XVI - Nº 29 - Teresina/2002

Governador do Estado
Wellington Dias

Secretário de Educação e Cultura
Antônio José Medeiros

Presidente do Conselho Estadual de Cultura
Manoel Paulo Nunes

Presidente da Fundação Cultural do Piauí
Sônia Terra

Conselho Editorial
Arimatan de Sousa Martins
Francisco Miguel de Moura
Pedro Ferrer Mendes de Freitas
José Elias Arêa Leão

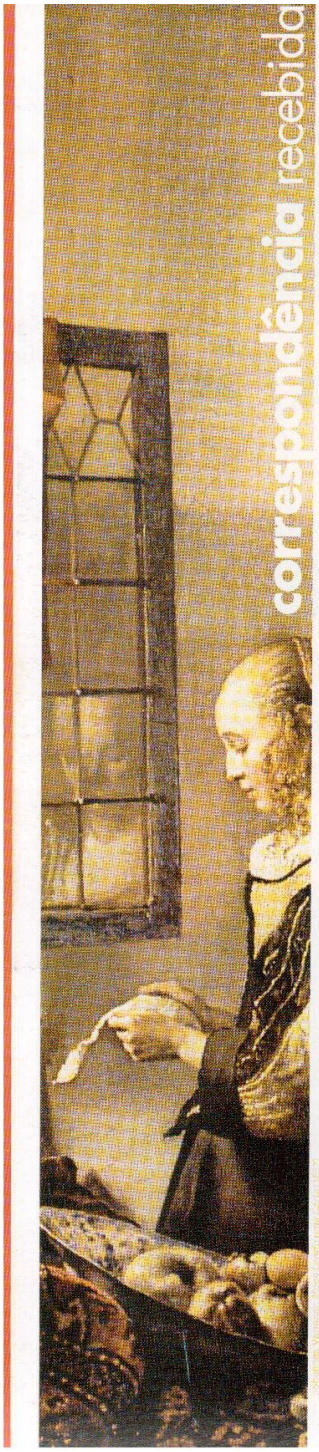
Secretária
Ana Maria dos Santos

Projeto gráfico e editoração eletrônica
MH&N Comunicação e Marketing Ltda
Rua 24 de Janeiro, nº 611, sala 701,
Centro/N Cep: 64.000-230 Teresina - PI
fone: (86) 222-6133 / 221-1833
e-mail: mh-n@uol.com.br
www.mhen.com.br

Ilustrações
Tupy

Revisão
M. Paulo Nunes
Francisco Miguel de Moura

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)



correspondência recebida

Quero transmitir a Manoel Paulo Nunes meus sinceros agradecimentos, pela magnífica revista, que honra o Piauí e atesta ao Brasil o seu valor. Parabéns. A revistapresença é o que sempre nos emociona e enleva. Com saudares de

Imah Théres

Escritora, Juiz de Fora - MG

Recebi, com grande júbilo, a bela **revista**presença, formidável para nossa cultura. Louvo o bom trabalho feito sobre nosso amigo Alberto da Costa e Silva, figura singular da nossa poesia e da diplomacia brasileira. Louvores ainda ao bom e belo feitio gráfico da presença, parabéns a ti e a toda tua equipe. Saudações.

José Helder de Sousa

Escritor, Brasília – DF

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas agradece a oferta em referencia, manifestando, por nosso intermédio, o máximo interesse na continuidade do recebimento destas importantes e significativas doações. Sem mais para o momento, subscrevemo-nos. Atenciosamente

Anis Carlos Fares

Diretora do Gabinete da Reitoria da PUC Campinas - SP

Recebemos e agradecemos **revista**presença, nº 29, 2002. Por se tratar de uma publicação importante ao nosso acervo, gostaríamos de recebê-lo periodicamente, em permuta com as publicações da PUC-Campinas. Estamos anexando relação das publicações, as quais podem ser enviadas regularmente, mediante solicitação dos títulos de interesse, juntamente com os dados cadastrais. No aguardo de uma resposta, antecipadamente agradecemos. Atenciosamente,

Maria do Carmo Moreira Jacon

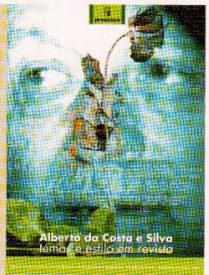
Setor de Intercambio da PUC Campinas - SP

Acuso recebimento do exemplar nº 29 da excelente **revista**presença, editada por esse Conselho Estadual de Cultura e agradeço a V. Exa. pelo envio dessa publicação de elevado nível que só engrandece o trabalho em prol da cultura brasileira. Aproveito a oportunidade para encaminhar, em nexo, um exemplar da nossa *Folha da Memória*, editada pela nossa 3ª Sub-R/ IPHAN/ RN. No ensejo, renovo meus propósitos de cooperação mútua e elevado apareço. Atenciosamente

Jeanne Fonseca Leite Nesi

Diretora da 3ª Sub-R/IPHAN/RN - Natal

Serve o presente para acusar o recebimento do exemplar de nº 29, da **revista**presença. Agradecendo a gentileza do envio, queremos cumprimentar os responsáveis pela editoração pela excelente qualidade gráfica e visual, aliada aos ricos conteúdos apresentados. Parabéns!



Atenciosamente,

Drª Ir. Jacinta Turolo Garcia

Reitora da Universidade do Sagrado Coração, Bauru - SP

Vimos por meio deste informar que gostaríamos de continuar recebendo regularmente a publicação abaixo. O último exemplar que recebemos foi o nº 27, ano 14/2000, e caso a remessa não possa ser feita como doação, solicitamos proposta por e-mail aquisição.bib@uniderp.br Atenciosamente

Ana Baldacin Verde Selva

Chefe da Biblioteca Central do Centro de Ensino Supeior de Campo de Grande - MS

A Reitoria da Universidade do Estado de Santa Catarina comunica o recebimento da **revista**presença, e informa que a ela está promovendo o devido e mais proveitoso encaminhamento. Desejamos agradecer pela cortesia e expressar nossos cordiais cumprimentos. Atenciosamente,

Prof. Raimundo Zumblick

Reitor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis - SC

Grato pelo envio da **revista**presença que trata de Fernando Costa (A falta que amamos) e, entre outros, de Jorge Amado. Parabéns pelas qualidades intelectuais e gráficas da publicação. Atenciosamente

Almir de Lima Pereira

Presidente da Academia Paraense de Letras, Belém - PA

Estamos fazendo revisão na nossa coleção de periódicas e constatamos falhas em alguns títulos, motivo pelo qual estamos recorrendo a V.Sa. no sentido de nos enviar os números abaixo: presença: 1995, 1997, 1998, 2000 todos os números. Aproveitamos a oportunidade para agradecer as obras até então enviadas e solicitar, caso não seja possível a doação, que nos enviem o valor dos números atrasados, bem como da assinatura atual. Atenciosamente

Marta Celeste Ribeiro da Costa

Chefe da Seção de Intercâmbio e Aquisição BCCCB/ UFPI

Recebemos e agradecemos o envio da **revista**presença Gostaríamos de receber os números faltosos em nossa coleção de 1996 a 2001, e os demais publicados, para atualização de nosso acervo. Certos de sua atenção nos despedimos.

Denise Maria Nery Euclydes

Chefe da Seção de Seleção e Aquisição UFV - RJ

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)

Membros do Conselho Estadual de Cultura (da esquerda para a direita): Dora Medeiros, Arimatan Martins, M. Paulo Nunes, Liz Medeiros, Francisco Miguel de Moura, Conceição Laje, Raimundo Santana, Pedro Ferrer Mendes de Freitas e Manoel Nascimento

sumário

Literatura

Homenagem
6 **Martins Napoleão - poemas**
12 **Martins Napoleão: Neoclássico ou Modernista?**
Maria do Socorro Rios Magalhães

Ensaio
18 **Como fazer poesia**
Francisco Miguel de Moura

Especial
25 **A lição de Graciliano Ramos**
M. Paulo Nunes

Crônica
33 **Para sempre, como antigamente**
Afonso Ligório Pires de Carvalho

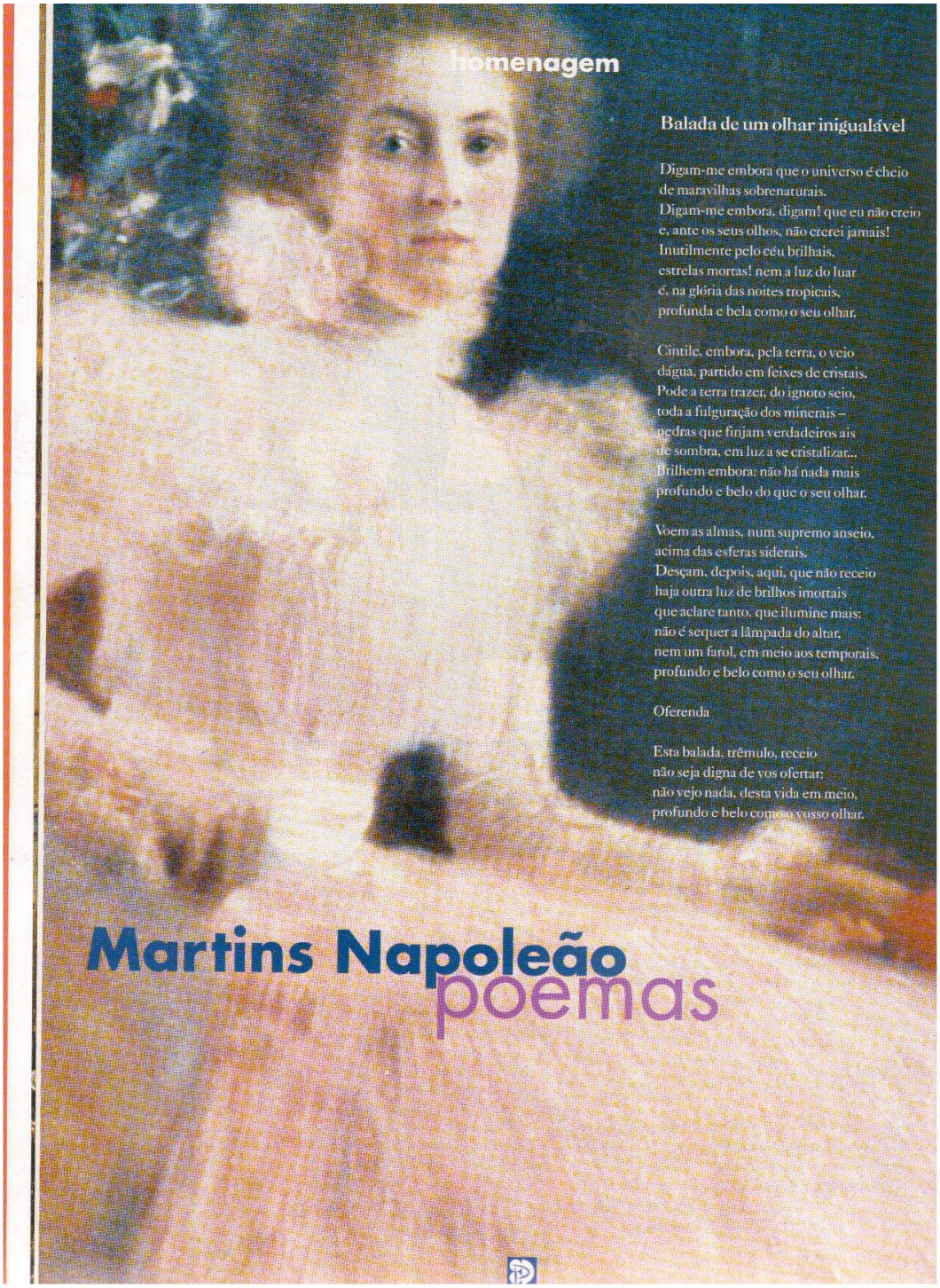
Artes plásticas
34 **Beth**
Fonseca Neto

Agenda
40 **1º Salão do Livro**

Atividades
42 **Programa Estadual de Apoio a Cultura**

48 **Fundac**

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)



Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)

Canto da floresta

A floresta congrega de novo os selvagens:
Os galhos nos galhos, parece um bater de tacapes!

Como nos tempos antigos, a mata agitada desperta os guerreiros.
A conquista de agora é maior do que as outras:
é a conquista da alma perdida da raça.

Da cidade estrangeira voltamos cansados
para junto das sombras dos galhos natais.
E canta de novo a floresta batendo
como um vento de paz.

Servindo de casa, servindo de pão,
servindo de lenha, fingindo de louro,
é ela que ensina aos poetas modernos,
como aos velhos guerreiros, o canto da vida.

Ouvi o presságio da mata encantada:
os galhos nos galhos, parece um bater de tacapes!

Eterna canção

Tenho um mistério n'alma e um segredo na vida,
tal na história imortal do soneto de Arvers,
Numa grande paixão, triste e desiludida,
como ele eu vivo preso a um sonho de mulher.

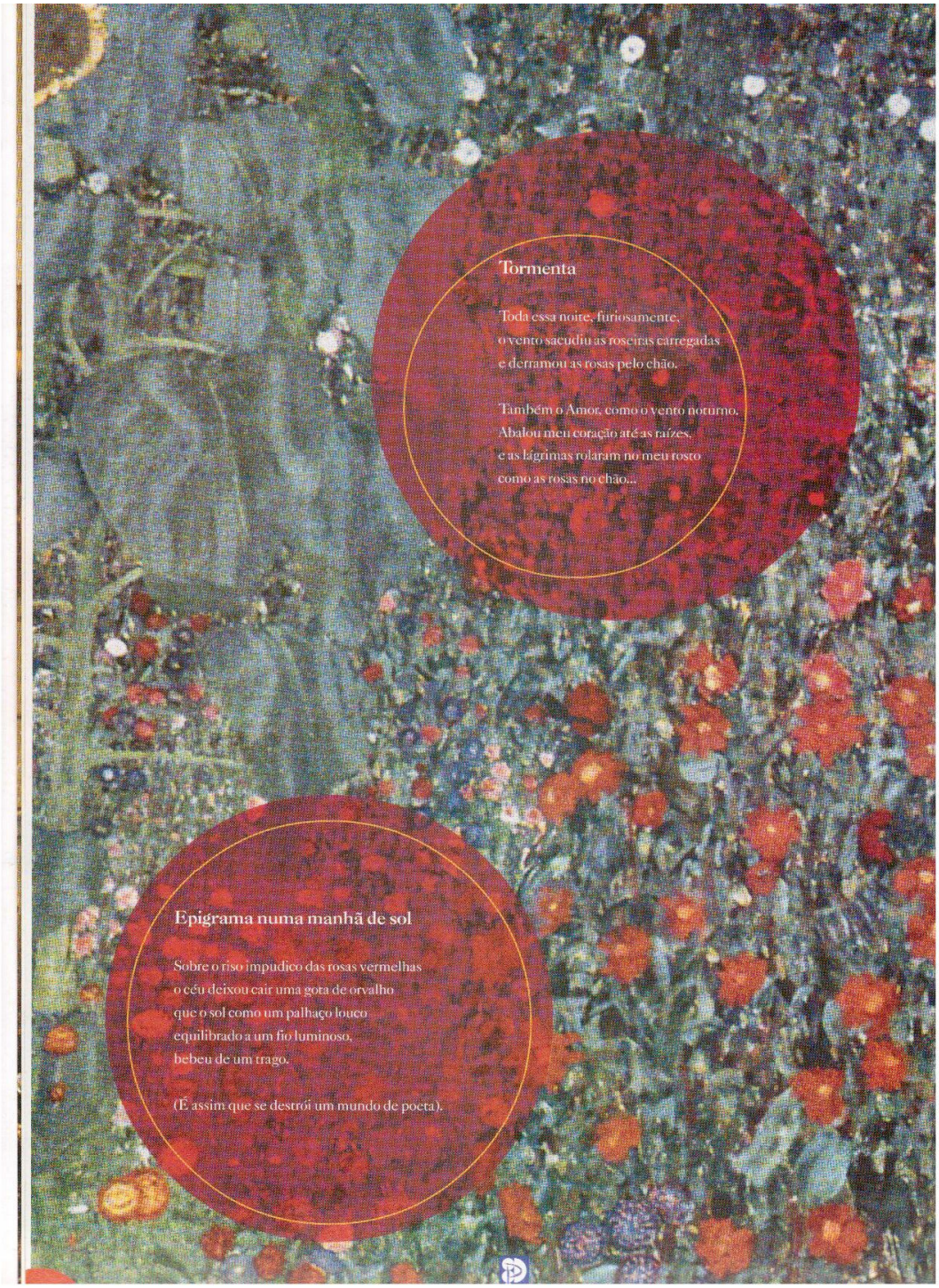
Passa, longe de mim, vaga e desconhecida.
E eu tenho tanta coisa a dizer-lhe, se vier...
Mas penso que não sabe ou, como Margarida,
indiferentemente esfolha um mal-me-quer.

Escondo no silêncio a glória do seu nome
e na renúncia extingo o amor, qual se não fosse
uma chama fatal que dentro me consome.

Busco, para esquecê-lo, uma angústia maior,
como se não soubesse, afinal, quanto é doce,
e quanto amargaria esquecê-lo, Senhor!

Gustav Klimt, *Retrato de Sonja Knips* (1898)

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)



Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)

Tédio

Todas as sombras da noite, em procissão compacta,
agora se recolhem no meu coração, através de meus olhos insones.

Minha melancolia assume a forma desesperadora
de uma gota d'agua a cair monotonamente,
inexoravelmente,
no vazio da minha alma,
chamando-me, instante a instante, à vigília do tédio,

como o tic-tac irritante de um relógio de condenado.

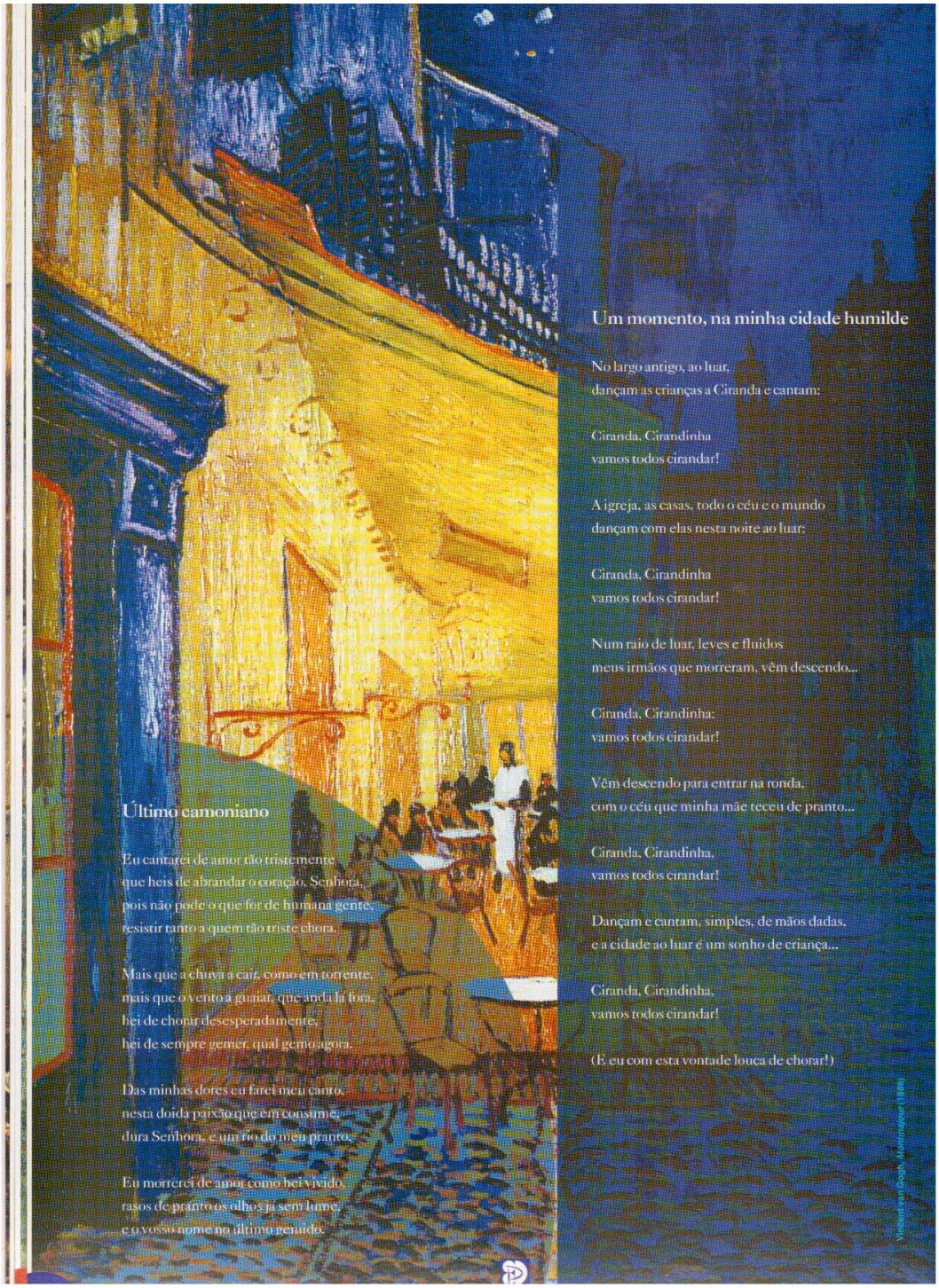
Versículos de Salomão

Eu pensava nas coisas eternas:
na essência da verdade e da beleza.

Eu pensava nas coisas eternas,
Quando ofereceste a boca matinal
à sede do meu beijo.

(Como posso, Senhor, recusar, sem soberba,
o fruto macio e orvalhado
que a árvore dadivosa atirou aos meus pés?...)

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)



Último camoniano

Eu cantarei de amor tão tristemente
que heis de abrandar o coração, Senhora,
pois não pode o que for de humana gente,
resistir tanto a quem tão triste chora.

Mais que a chuva a cair, como em corrente,
mais que o vento a gemer, que anda lá fora,
hei de chorar desesperadamente,
hei de sempre gemer, qual gemo agora.

Das minhas dores eu farei meu canto,
nesta doida paixão que em consumo,
dura Senhora, e um rio do meu pranto.

Eu morrerei de amor como hei vivido,
rasos de pranto os olhos já sem lume,
e o vosso nome no último gemido.

Um momento, na minha cidade humilde

No largo antigo, ao luar,
dançam as crianças a Ciranda e cantam:

Ciranda, Cirandinha
vamos todos cirandar!

A igreja, as casas, todo o céu e o mundo
dançam com elas nesta noite ao luar:

Ciranda, Cirandinha
vamos todos cirandar!

Num raio de luar, leves e fluidos
meus irmãos que morreram, vêm descendo...

Ciranda, Cirandinha:
vamos todos cirandar!

Vêm descendo para entrar na ronda,
com o céu que minha mãe teceu de pranto...

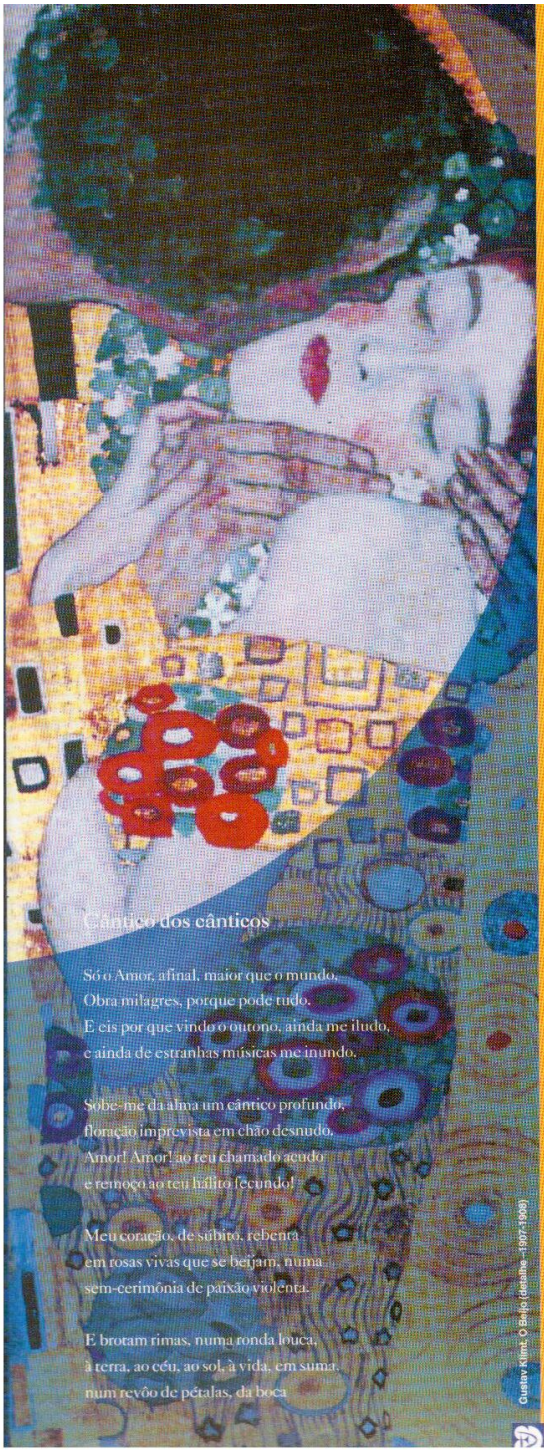
Ciranda, Cirandinha,
vamos todos cirandar!

Dançam e cantam, simples, de mãos dadas,
e a cidade ao luar é um sonho de criança...

Ciranda, Cirandinha,
vamos todos cirandar!

(E eu com esta vontade louca de chorar!)

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)



Gustav Klimt, O Beijo (detalhe – 1907-1908)

Cântico dos cânticos

Só o Amor, afinal, maior que o mundo,
Obra milagres, porque pode tudo.
E eis por que vindo o outono, ainda me iludo,
e ainda de estranhas músicas me inundo.

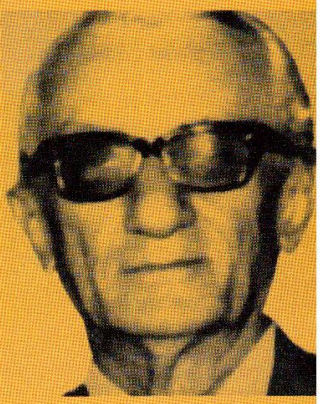
Sobe-me da alma um cântico profundo,
floração imprevista em chão desnudo.
Amor! Amor! ao teu chamado acudo
e remoço ao teu hálito fecundo!

Meu coração, de súbito, rebenta
em rosas vivas que se beijam, numa
sem-cerimônia de paixão violenta.

E brotam rimas, numa ronda louca,
à terra, ao céu, ao sol, à vida, em suma,
num revôo de pétalas, da boca

Martins Napoleão nasceu no município de União (fazenda Sítio), em 17.03.1903 e faleceu no Rio de Janeiro, em 30.04.1981, tendo sido sepultado nesta capital.

Sua obra poética está toda recolhida no *Cancioneiro Geral*, editado pelo governo do Estado do Piauí, em dois volumes, no ano de 1981, e recentemente, pela Universidade Federal do Piauí (1999 e 2003), na coleção Nordestina. A edição do governo do Estado contém também suas traduções, inclusive as da obra de Dante Alighieri, de quem era exímio cultor e fervoroso admirador.



Compreendem aquelas edições os livros: *Copa de Ébano* (1927), *Poemas Ocultos* (1930), *Poemas da Terra Selvagem* (1940), *Caminhos da Vida e da Morte* (1941), *Poemas Humanos e Divinos* (1942), *O Prisioneiro do Mundo* (1943), *Opus 7* (1953), *O Oleiro Cego* (1956), *Tema, Coral e Fuga* (1966) e *A Casa Incubada* (1981).

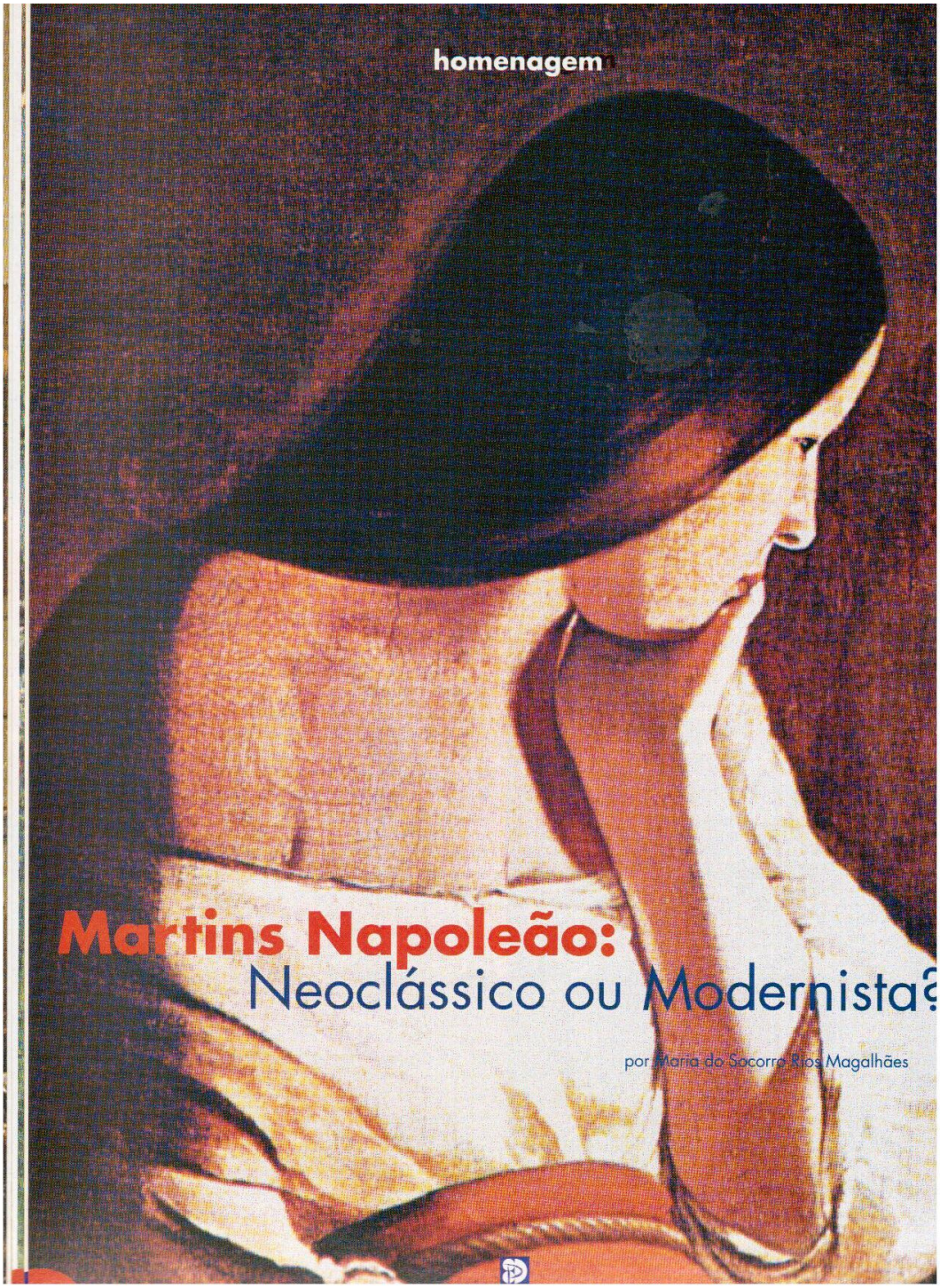
Folhas Soltas ao Vento compreende seus escritos em prosa, igualmente editada em 1981, pelo governo do Piauí.

Martins Napoleão foi essencialmente um poeta neoclássico, como ele se proclamava, utilizando em larga medida os poemas de forma fixa, da tradição parnasiana, embora sua obra seja também penetrada pelo influxo do modernismo, de cuja presença tomaria conhecimento quando de sua estada, no Rio de Janeiro, em 1922, ou seja, no calor da revolução estética deflagrada pela Semana de Arte Moderna daquele ano, em São Paulo, e da qual participariam também poetas do Rio, como Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira, que ali residia.

Caracterizando sua poesia o poeta diria: "A minha poesia é trágica e sombria". Ao que acrescenta um dos mais altos cultores de sua arte poética, Wilson Brandão, em luminosa exegese: "Sua poesia, se por vezes é trágica e sombria, em todos os instantes permanece invariavelmente triste. Até na felicidade comunicativa dos *Poemas da Terra Selvagem*. Em "Canção das Águas", por exemplo: 'ao crepúsculo canta uma canção/ e recolhe, de noite, o pranto das estrelas./ E dele faz uma canção alegre/para, no dia seguinte,/ sob a forma de orvalho,/consolar as raízes do fundo da terra'. Ou em "Arte poética": 'Também o poeta fecunda com sangue/ do seu coração/ a beleza futura".

"O conjunto da obra lírica de Martins Napoleão, aduz aquele ensaísta, sugere outros ângulos para sua abordagem. Um deles, muito característico, mostra o quanto do lirismo luso-brasileiro tradicional se faz presente. Hoje não se recitam mais os poetas. Todavia, a geração de Martins Napoleão e outras que a seguiram sabiam de cor a "Balada de um olhar inigualável". (Cf. Wilson de Andrade Brandão – *O Mundo Poético de Martins Napoleão*, in *Revista da Academia Piauiense de Letras*, ano de 1986, pp.73-95)

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)



Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)

Os marcos comemorativos, como os centenários de nossas instituições, nossos artistas e escritores, constituem oportunidades privilegiadas para descobrirmos, ou desvelarmos parte significativa do nosso patrimônio cultural, que permanece, ainda, como um tesouro escondido.

A grandeza da obra poética de Martins Napoleão, grandeza em todos os sentidos, tanto pelo volume e diversidade, quanto pelo alto nível da sua produção, despertou meu interesse, pela primeira vez, quando comecei a pesquisar a literatura piauiense produzida nas primeiras décadas do século XX, com vista à elaboração de minha tese de doutorado. Deparei-me nesta ocasião, com *Copa de Ébano*, de 1927 e *Poemas Ocultos*, de 1930. Por razões metodológicas, optei por formar meu corpus de análise com livros de poeta piauienses, publicados até o ano de 1920, escapando, momentaneamente, do grande desafio de enfrentar a complexidade, a erudição e a diversidade estilística e temática da poética de Martins Napoleão.

Entretanto, neste ano do centenário de nascimento do poeta, novamente me vejo diante do desafio de me aproximar da obra de Martins Napoleão e dos estudos que já foram produzidos a seu respeito. Recentemente, no mês de janeiro, ao ministrar a disciplina Literatura Piauiense, no curso de Letras que a UFPI mantém em regime especial na cidade de União, tive que incluir no programa de Curso o poeta Martins Napoleão, atendendo a pedido dos alunos, que demonstraram grande interesse em conhecer mais de perto a obra do conterrâneo, cujo centenário de nascimento se avizinhava.

Foi, assim, por incentivo de meus alunos, conterrâneos do poeta, que fui me aproximando da obra poética de Martins Napoleão. Daí poder dizer com as palavras do saudoso Prof. Tito Filho: "Faz uns dois meses, procuro penetrar na obra de Martins Napoleão – a obra poética. E quanto mais leio os seus extraordinários versos, mais ajoelho perante a sabedoria do poeta". (In: Folhas soltas ao vento, p.231)

Esta mesa redonda que propõe a abordagem da poesia de Martins Napoleão, considerando sua abrangência desde o neoclassicismo até o modernismo, confirma o que falei há pouco sobre o elevado grau de extensão e de diversidade da obra do

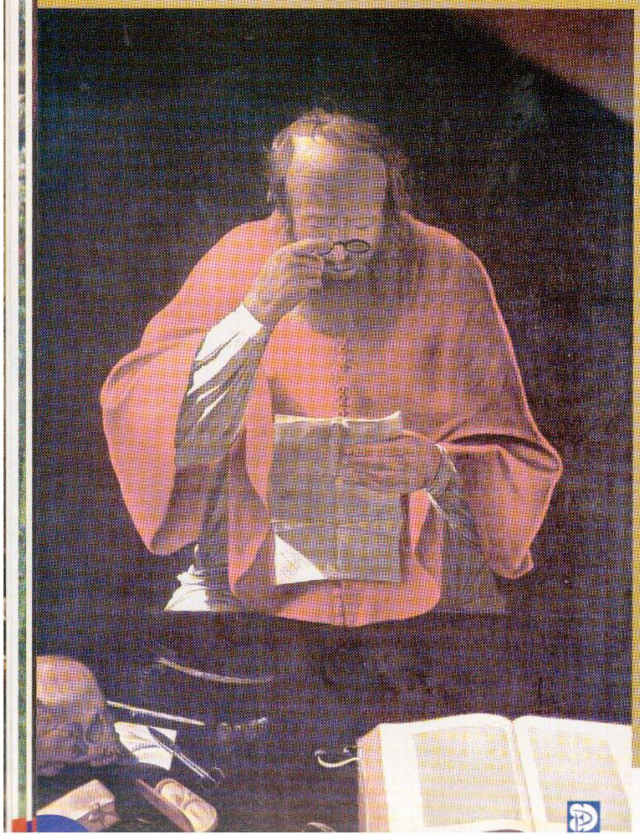
Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)

poeta. Por outro lado, constatamos também a dupla orientação desta obra, que oscila entre o neoclassicismo, assumido abertamente pelo próprio autor, que se autodefine com um clássico, e o modernismo que lhe é atribuído por parte da crítica, pelo menos da crítica piauiense.

Na realidade, o movimento de 1922, eclodido pela famosa Semana de Arte de São Paulo não teve repercussão imediata nas Províncias, conseqüentemente, também no Piauí, essas idéias vanguardistas levaram ainda algum tempo para se estabelecerem. Naquele momento em que os escritores brasileiros, reunidos na capital paulista em torno do ideal de renovação da literatura, tendo como modelo as vanguardas literárias da Europa, que celebravam a vida urbana moderna, no Piauí, como nos demais Estados brasileiros, sobretudo do Nordeste e do Sul, o Simbolismo e ainda o Parnasianismo constituíam as estéticas cultivadas por nossos mais expressivos poetas do período, como: Da Costa e Silva, Celso Pinheiro, Zito Batista, Félix Pacheco e Lucídio Freitas, entre outros.

Seria, talvez, o caso de concluirmos que não houve modernismo no Piauí. Pelo menos, não o modernismo nos moldes paulistanos de Mário e Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, que se ligam àquelas correntes oriundas da Europa, entre elas o Futurismo, que exaltava a vida moderna nos grandes centros urbanos, o automóvel, o telégrafo, o cinema, o rádio, os aviões e os arranha-céus. Em termos formais, a poesia preconizada pelos modernistas de 1922 tinha como principal escopo o experimentalismo e o repúdio ao belerismo, rompendo com os parâmetros da linguagem estética estabelecida, o rigor da métrica, do ritmo e da rima, e com os meios de expressão convencionais, criando o jogo estético, carregado de ironia, humor e irreverência diante do mundo e da própria arte.

A poesia de Martins Napoleão, surgida no final dos anos vinte do século passado, com a publicação de Copa de Ébano, de 1927, embora apresente alguma renovação formal, como, por exemplo, o verso livre, está muito distanciado da proposta estética dos modernistas paulistas. Predominam na obra, os poemas de métrica regular, com esquema rítmico e de rimas definido como este:



destino da lira

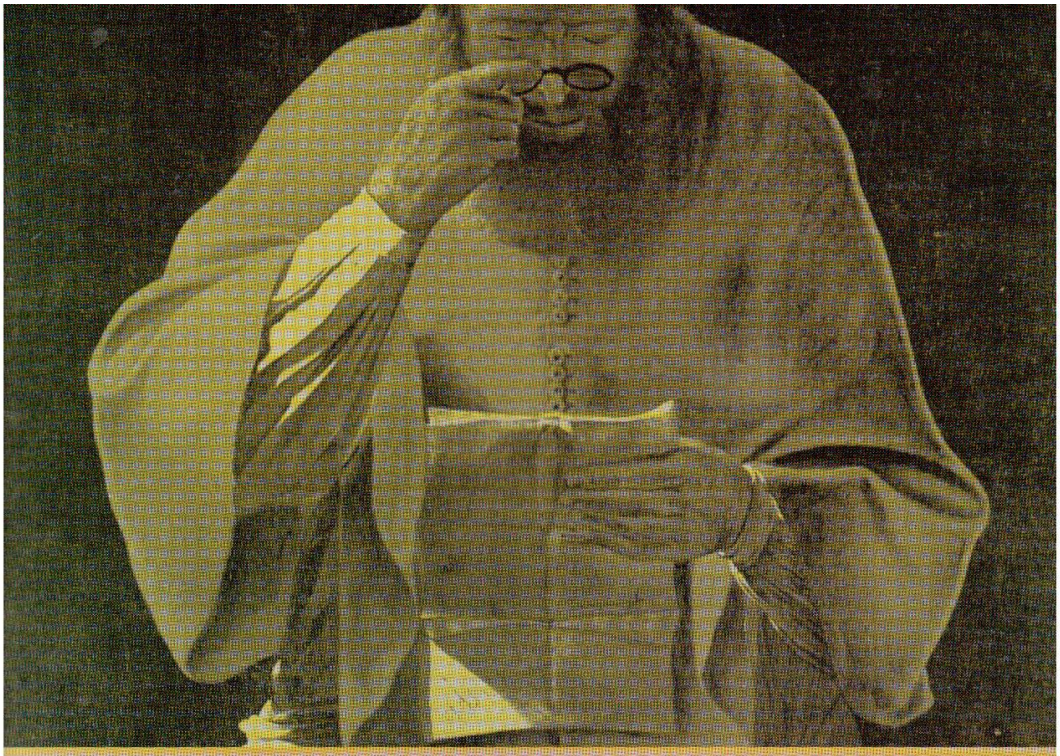
Dói recolher, na concha da alma, o alheio pranto
- orvalho a gotejar de outras raízes...
Mas é tão doce a dor de o transformar num canto
que console infelizes!...

O destino da Lira é como o das estrelas,
belas e inúteis, aparentemente:
mas a força vital e infinita que há nelas,
faz brotar a semente.

O destino da Lira é o destino das rosas,
morrendo mas deixando o aroma que erra,
ou no ar ou no esplendor das mulheres formosas,
como um bem feito à terra.
(In: Cancioneiro Geral, p.43)

Neste poema observamos que, embora se possa perceber a metalinguagem, ou seja, o delineamento do conceito de poesia e de sua finalidade, que atende às expectativas do modernismo, formalmente se mostra presa ao modelo tradicional: estrutura métrica regular em todas as suas estrofes de quatro versos, com a repetição do esquema: alexandrino, decassílabo, alexandrino e hexassílabo, com rimas alternadas. Este poema é bem ilustrativo da opinião do poeta sobre a própria

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)



obra. Afirmou ele: "Sou um clássico renovado e em permanente renovação, romântico no fundo e clássico na forma".

Um outro poema deste primeiro livro *Copa de Ébano*, denominado "Camoniano", aproxima-se da poética quinhentista.

Quanto hei, por vossos olhos namorados,
em suspiros e lágrimas sofrido,
em sonho e desengano, ânsia e gemido,
Senhora, a ver, por mal de meus cuidados,

nos outros olhos todos espelhados
os olhos por quem morro... Não duvido
que sejam leis fatais, duro sentido
das coisas invisíveis, mãos dos Fados

que assim me estão mandando tais castigos,
tão duras penas, tão ocultos males,
que sempre tive os Fados inimigos...

Não me estranha esses olhos doam tanto.
Que ora os vejo nos céus; ora nos vales,
E brilham no meu verso, doce pranto.
(Cancioneiro Geral, p.47)

Neste soneto o poeta exercita sua habilidade estilística de neoclássico, uma homenagem ao poeta lusitano, de cuja obra Martins Napoleão foi não apenas um admirador, mas sobretudo um especialista.

Em *Poemas Ocultos*, de 1930, predominam os sonetos decassílabos e alexandrinos com temas filosóficos e religiosos, religiosidade nem sempre cristã, mas também ligada a crenças antigas e orientais, conforme encontramos nos poemas "Avataras" e "Último Buda".

Na impossibilidade de abarcar toda a obra de Martins Napoleão, que não cabe numa rápida exposição como esta, queria ainda me reportar aos seus dois livros seguintes, publicados na década de quarenta: *Caminhos da Vida e da Morte*, de 1941 e *Poemas Humanos e Divinos*, de 1942, o que novamente nos coloca diante da oscilação entre o clássico e o moderno, marca da poética de Martins Napoleão.

No primeiro, o de 1941, *Caminhos da Vida e da Morte*, o poeta prefere usar o verso livre, linguagem coloquial, temas lúdicos e um lirismo simples e despojado à moda de Manuel Bandeira.

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)

Versículos de Salomão

Eu pensava nas coisas eternas:
Na essência da verdade e da beleza.

Eu pensava nas coisas eternas,
quando ofereceste a boca matinal
à ardência do meu beijo.

(Como posso, Senhor, recusar sem soberba,
o fruto macio e orvalhado
que a árvore dadivosa atirou aos meus pés?...).

Muitos outros poemas poderiam ser citados, como, por exemplo, Um momento na minha cidade humilde, em que a intertextualidade com folclore, representado pelas cantigas de roda, evoca imagens da infância nas pequenas cidades interioranas, como União, terra natal do escritor.

Poderíamos dizer que, neste livro, Martins Napoleão se aproxima do modernismo, ainda que conserve muito da temática filosófica tão ao gosto da poética clássica e conserve também uma linguagem sóbria, mesmo nos poemas mais lúdicos.

Porém, no livro seguinte, *Poemas Humanos e Divinos*, o escritor retorna à forma e à temática clássica. Predominam aí os poemas de forma fixa, principalmente, sonetos, as re-leituras de

Para exemplificar, selecionei algumas poemas:

Epigrama numa manhã de sol

Sobre o riso impudico das rosas vermelhas
o céu deixou cair uma lágrima de orvalho,
que o sol bebeu, de um trago, como um fauno sedento.

Epigrama noutra manhã de sol

Quando as crianças entraram no parque naquela manhã
todas as roseiras arrebentaram em gargalhadas
vermelhas de rosas...

Dístico de ironia e piedade

Na cidade sem esgotos as crianças morrem de tifo.
Mas, nos jardins do Prefeito, as rosas florescem
imperialmente.

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)

Georges de La Tour, *A Educação da Virgem* (sem data confirmada)

Camões, através dos poemas Último camoniano e A Camões, e poemas telúricos como os que constam na seção intitulada Minha Terra e outras terras, que retratam o Piauí em poemas, como: Terra natal, Minha gente, O Parnaíba e Rio Natal. Todos sonetos, nos moldes clássicos, com versos decassílabos ou alexandrinos.

Creio ser muito importante examinar o livro seguinte de Martins Napoleão, *O Prisioneiro do Mundo*, publicado em 1943, e todos os outros escritos por ele, para verificar a permanência da tensão entre o classicismo e o modernismo, se realmente podemos afirmar que há esta oscilação na poesia de Martins Napoleão, ou se pelo menos existe uma hesitação por parte do escritor em abraçar a nova estética, contemporânea da sua produção poética. Porém, isto é uma tarefa para depois deste momento comemorativo, para outras oportunidades, das quais espero poder participar, de forma mais efetiva e elaborada, dando uma melhor contribuição para o estudo da obra deste nosso poeta, que nos deixou uma obra de extraordinário valor literário.

Referências Bibliográficas

NAPOLEÃO, Martins. *Cancioneiro geral*. Teresina: Academia Piauiense de Letras

_____. *Folhas soltas ao vento*. Teresina: Academia Piauiense Letras,

_____. *Caminhos da vida e da morte*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1941

_____. *Poemas humanos e divinos*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1942

Print to PDF without this message by purchasing novaPDF (http://www.novapdf.com/)